

O tio ausente de Ana deu a vitória em Vila do Conde

Curtas. A cineasta luso-francesa Ana Gomes venceu o festival com o belíssimo *António, Lindo António*. Navad Lapid também foi premiado

RUI PEDRO TENDINHA

Um festival que já não precisa de reinvenções. O Curtas Vila do Conde chegou à sua 24.ª edição com a máquina oleada: uma competição internacional com nomes emergentes do cinema mais experimental, uma competição nacional com uma mistura de géneros e cineastas mais do que prometedores e os cineconcertos, proposta multimédia com um público fiel.

Ana Maria Gomes venceu a categoria mais esperada, a Competição Nacional, com *António, Lindo António*, um documentário sobre a relação da sua avó idosa com um filho ausente no Brasil, o seu tio António. Um *crowdpleaser* que funciona como um retrato do Portugal profundo (é rodado parcialmente numa aldeia perto de Viseu) e que venceu também o prémio do público. Muito mais do que o já estafado exercício "olhem como eu filmo a minha avozinha castiça", é um convite para uma dança lúdica entre o real e o imaginado, com direito a uma viagem tão subtil como "avariada" por um Brasil de delírio. Que descoberta!

Gabriel Abrantes, um dos habitués do festival, venceu o prémio de realização com *A Brief History of Princess X*, uma comédia sobre uma escultura de Brancusi e os *fait-divers* que a mesma provoca. Sem dúvida, um dos seus mais precisos e hilariantes filmes, daqueles que pedem direito a exibição nos circuitos comerciais.

O palmarés infelizmente não conseguiu premiar o belo *Setembro*, de Leonor Noivo, a melhor curta vista neste ano. Uma média-metragem com uma segurança narrativa notável e uma secura que tanto hipnotiza quanto toca. É também um filme em que se descobre um rosto de cinema em estado de graça: Marta Mateus.

Na competição internacional, destaque para o Grande Prémio, atribuído ao cineasta israelita Navad Lapid, conhecido do público de *O Policia*, longa-metragem que teve estreia comercial em 2012.

Dos cineconcertos, há um deles que terá sido o *ai-jesus* do festival, *Legendary Tigerman*. O que foi visto na sexta-feira passada no Teatro Municipal de Vila do Conde será mais do que um cineconcerto – *How to Become Nothing*, falso diário de um homem perdido nas estradas dos desertos americanos, está a ser trabalhado para ser uma longa-metragem.



Momento do anúncio do filme vencedor do festival de Curtas de Vila do Conde, o de Ana Maria Gomes

Projeto a três, *How to Become Nothing* tem texto, música e conceito de Paulo Furtado, participação e imagem da fotógrafa Rita Lino e realização de Pedro Maia. É literalmente uma viagem com dor poética a uma vertigem niilista que repensa toda a iconografia *rock'n'roll* americana. Cruza um imaginário de David Lynch como se tivesse sido lapidado por Antonioni. Tudo isto num super8 com um rigor tão furioso como serenamente deslumbrante. Um *road-movie* que pode não desbravar caminhos estéticos mas que vale sobretudo por uma narração (do próprio Tigerman/Paulo Furtado) magoada e com uma dor de alma com sentido literário (ficamos presos e precipitados com aquelas confissões).

Este é um dos mais estimulantes projetos audiovisuais portugueses dos últimos tempos. A América, ao som da electricidade de Tigerman, pode ser uma alucinação onírica com lindíssimos solavancos sensoriais. *How to Become Nothing* vai ter uma vida longa, seja numa sala de concertos ou de cinema ou num festival internacional. A cidade do rio Ave foi madrinha de coisa linda.

PALMARÉS

GRANDE PRÉMIO
► *From the Diary of a Wedding Photographer*
Navid Lapid

MELHOR FILME NACIONAL
► *António, Lindo António*
Ana Maria Gomes

MELHOR REALIZAÇÃO
► *A Brief History of Princess X*
Gabriel Abrantes

PRÉMIO DO PÚBLICO
► *António, Lindo António*
Ana Maria Gomes

MELHOR FICÇÃO INTERNACIONAL
► *Limbo*
Konstantina Kotszmani

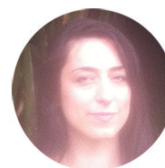
MELHOR FILME EXPERIMENTAL
► *Bending to Earth*
Rosa Barba

ENTREVISTA: ANA MARIA GOMES

Realizadora

Formada em Belas-Artes, em Paris, nasceu em França há 33 anos e é uma artista do audiovisual. É o seu primeiro filme com um orçamento de cinema

"Vou continuar a estar entre o cinema e as artes plásticas"



A média-metragem de Ana Maria Gomes tem financiamento total francês

No discurso quando recebeu o prémio confessou que estava com medo de mostrar *António, Lindo António* em Portugal. Que medo era esse?

Portugal não é só aquela aldeia e eu não conheço muito este país... Não sabia como as pessoas iam reagir. Quando era pequena, Portugal era só a aldeia da minha família. Ao atravessar a fronteira via escrito Portugal, mas para mim era uma terra de ninguém.

Não é curioso que depois de Cristèle Alves Meira e Ruben Alves surja agora a Ana Maria, outra luso-francesa, a filmar um tema sobre origens portuguesas?

Isso quer dizer que os luso-franceses têm necessidade de filmar algo que os faça compreender as próprias origens? O filme fala disso mas não é bem sobre as minhas origens. *António, Lindo António* é sobre uma mãe que está à espera do filho, um filho que não ficou em Portugal.

Mas, se calhar, tenho uma certa distância em relação à minha família portuguesa. Vejo as coisas de uma outra maneira, claro... Vivo em França. O que quis foi revelar personalidades fortes, como a minha avó, alguém muito carismático. Por acaso, aquele lugar, Anta, na serra da Gralheira, tem personagens muito fortes.

Por acaso? Quando é que decidiu filmar este documentário?

Sempre filmei pessoas muito perto de mim. Nos meus filmes mais experimentais já o tinha feito, primeiro com a minha melhor amiga, depois outro com o meu irmão.

A verdade é que estou sempre a filmar. Um dia estava lá na casa da minha avó a filmar e deparei-me com esse tema do meu tio António. Aliás, escapou esse assunto já com barbas. Então, achei mesmo incrível a história da minha avó, que 50 anos depois continuava à espera do filho.

Considero muito bonita a maneira como ela demonstra o amor por ele, mesmo quando diz coisas menos boas. Cada vez que o insulsa está a dizer o contrário.

Mas é forçoso que um luso-francês filme Portugal, sobretudo este Portugal profundo, com um olhar diferente...

Não sei dizer isso... Eu tenho uma sensibilidade com a imagem diferente. Comecei a filmar aos 12

anos depois de receber como presente uma câmara muito cara. Foi uma oferta do meu tio Firmino. Pedi-me para filmar a família e ao fim destes anos todos, aparentemente, ainda estou a fazer. Diria que o meu tio foi uma das pessoas que iniciaram este trabalho.

Por outro lado, quando o filme vai para o Brasil sente-se um raso com o real.

Por completo. O que me interessa quando filmo a realidade é poder explorar os elementos de ficção, enfim, coisas que existem de forma natural no real. A partir do momento em que se filma alguém esse alguém está a representar e já está a mudar. Sabe, gosto muito dessa representação, procuro-a. A ficção aqui veio da pesquisa acerca do meu tio António. As pessoas que falam sobre ele estão mais ligadas a um movimento de ficção, sobretudo por estarem desligadas dele.

Depois desta média-metragem que é agora premiada no Curtas de Vila do Conde vai sentir o peso de corresponder aquilo que se espera de um cineasta ou vai continuar a querer ser uma artista plástica que ora faz instalações, dispositivos, filmes experimentais ou documentários para sala?

Vou continuar a estar entre o cinema e as artes plásticas. Penso que *António, Lindo António* tem isso. É um pouco experimental.

Não tem, então, aquele desejo de fazer em breve uma longa-metragem para os cinemas?

Cada projeto é que guia a forma do meu trabalho. Será sempre projeto a projeto. Ao mesmo tempo que fiz este filme também concluí uma instalação de nove minutos com adolescentes a ensaiar a experiência da morte. R.P.T.

Rui Pedro Tendinha

O tio ausente de Ana, deu a vitória em Vila do Conde
Journal Diário de Notícias, Portugal [Arts] - 18.07.2016